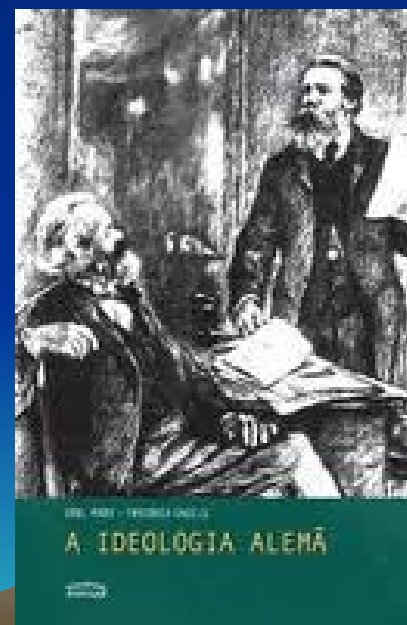
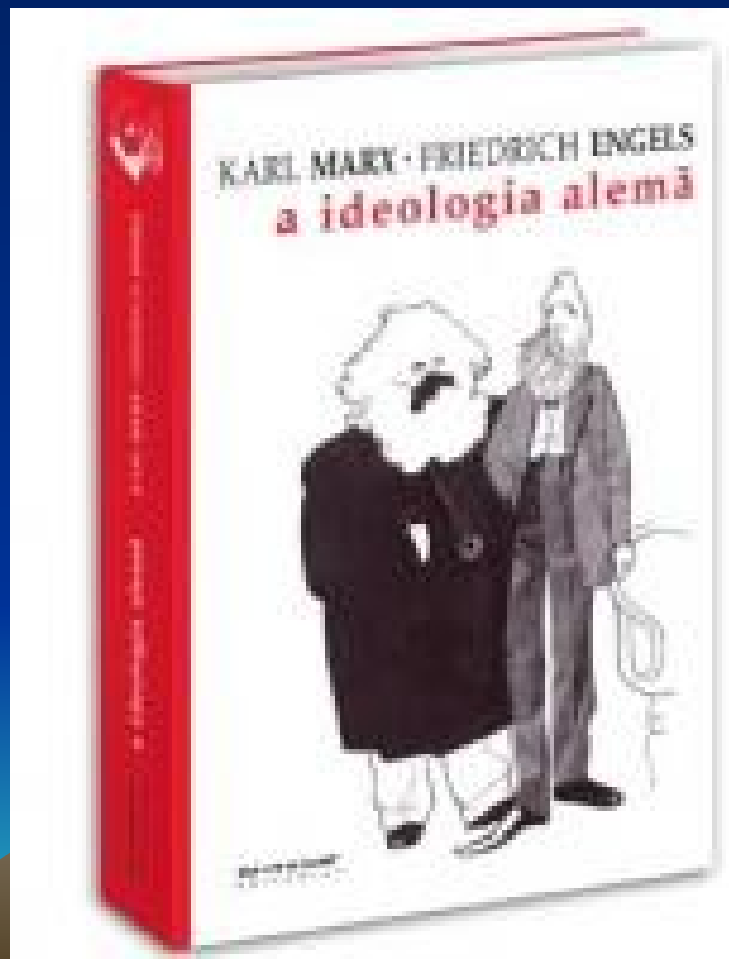
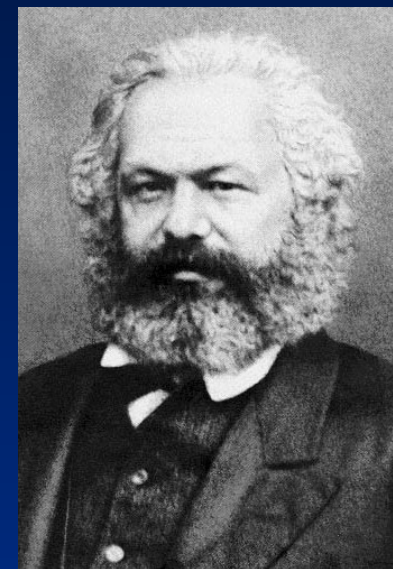


A IDEOLOGIA ALEMÃ – Terceira Parte



O PAPEL HISTÓRICO DO CAPITALISMO

- Para Marx, o capitalismo aparece em A ideologia Alemã, como uma formação sócioeconômica historicamente determinada e não como algo a-histórico, permanente e insuperável, como para os economistas burgueses (p.73/89)
- O capitalismo pressupõe e faz avançar historicamente uma divisão do trabalho já bastante desenvolvida, a expansão das trocas comerciais, o avanço das forças produtivas, a divisão entre trabalho manual e intelectual, a divisão do campo e da cidade, a constituição do Estado moderno com uma dada administração, governo, poderes, polícia e impostos
- A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DO CAPITALISMO ESTÁ EM QUE, LIBERANDO AS FORÇAS PRODUTIVAS DAS AMARRAS DAS RELAÇÕES FEUDAIS, DESENVOLVE A GRANDE INDÚSTRIA, CONCENTRA O PROLETARIADO FABRIL, TRANSFORMA AS ANTIGAS CLASSES POPULARES (ARTESÃOS E CAMPONESES) EM ASSALARIADOS, AVANÇA A DIVISÃO DO TRABALHO, COMPLEXIFICA O PROCESSO DA COOPERAÇÃO NO TRABALHO E AGUDIZA A LUTA DE CLASSES

- A partir do século XIV começa a se desenvolver no interior da formação social feudal novas relações econômico-sociais que colocam objetiva e subjetivamente as premissas do capitalismo
- Basicamente, essas condições podem ser sintetizadas no aparecimento de uma classe de comerciantes enriquecidos, que concentram uma quantidade enorme de riquezas na forma de bens e valores e, de outro, a transformação de camponeses, artesãos em assalariados proletários



- Esse processo passa por algumas fases como a produção doméstica artesanal no campo e as corporações de ofícios nas cidades, a concentração dos trabalhadores e seu assalariamento (cooperação simples), a manufatura e cooperação complexa e, por fim, a grande indústria e a introdução das máquinas modernas
- Portanto, esse período na Europa ocorre do século XIV à primeira parte do século XIX, quando se consuma a Revolução Industrial (1776-1838)



- 1) Ressurgimento da vida urbana – “Com a cidade, está ai mesmo tempo dada a necessidade da administração, da polícia, dos impostos etc., em suma, da organização acima dos indivíduos (Estado) e, assim, da política em geral. Aqui se revelou primeiro a divisão da população em duas grandes classes, a qual se assenta diretamente na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. A cidade é imediatamente, de fato, a concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres, das necessidades, ao passo que o campo torna patente precisamente a realidade oposta, o isolamento e a solidão” (p.75)



- 2) Oposição entre cidade e campo – “A oposição entre cidade e campo só pode existir no quadro da propriedade privada. É a expressão mais crassa da subsunção do indivíduo à divisão do trabalho...A separação entre cidade e campo pode ser também tomada como a divisão de capital e propriedade fundiária, como o começo de uma existência e desenvolvimento do capital independente da propriedade fundiária, do capital, ou seja, uma propriedade que tem a sua base meramente no trabalho e na troca” (p.76)



- 3) Cercamento de terras e fuga de camponeses – “A fuga dos servos para as cidades teve ininterruptamente lugar durante toda a Idade Média. Esses servos, perseguidos no campo pelos seus senhores, vinham isolados para as cidades, onde já se encontravam uma comunidade organizada contra a qual nada podiam e na qual tinham de se submeter à posição que lhes apontavam a necessidade do seu trabalho e o interesse dos seus concorrentes organizados da cidades. Esses trabalhadores, que chegavam isoladamente, nunca puderam constituir um poder, porque se o seu trabalho era regulado pelas corporações e tinha de ser aprendido, os mestres das corporações os submetiam a si e os organizavam segundo o seu interesse; ou, se o seu trabalho não tinha de ser aprendido, e não era por isso regulado pelas corporações, mas trabalho assalariado por dia, nunca chegaram a uma organização, e permaneceram plebe desorganizada” (p.76/77)



- 4) Formação de classe de comerciantes e expansão comercial – “Com o intercâmbio constituído numa classe especial, com a expansão do comércio pelos comerciantes para além dos arredores imediatos da cidade, surge imediatamente uma ação recíproca entre a produção e o intercâmbio... A limitação local inicial começa a ser gradualmente dissolvida” (p.80



- 5) Desenvolvimento das manufaturas – “O primeiro florescimento das manufaturas – na Itália e, mais tarde, na Flandres – teve como seu pressuposto histórico o intercâmbio com nações estrangeiras. E outros países – Inglaterra e França, por exemplo – as manufaturas limitaram-se inicialmente ao mercado interno. As manufaturas têm por pressuposto, além dos mencionados, ainda uma concentração já avançada da população e do capital, tendo este começado a acumular-se nas mãos de indivíduos, em parte nas guildas, a despeito das leis corporativas, em parte entre os comerciantes”
(p.80/81)



- 6) Formação dos Estados Nacionais e a política mercantilista – “Com a manufatura, as diferentes nações entram numa relação de concorrência, numa luta comercial que se travou em guerras, proteções alfandegárias e proibições, ao passo que anteriormente as nações, tanto quanto estavam ligadas entre si, haviam prosseguido uma troca inofensiva umas com as outras. De agora em diante, o comércio passa a ter importância política... A relação das nações entre si no seu intercâmbio assumiu duas formas diferentes durante a época de que estamos falando. Em princípio, a pequena quantidade do ouro e da prata em circulação exigiu a proibição da exportação desses metais; e a indústria, na sua maior parte importada do estrangeiro e tornada necessária pela necessidade de dar trabalho à população crescente das cidades, não podia dispensar os privilégios que podiam ser concedidos, e naturalmente não apenas contra a concorrência interna, mas, principalmente, contra a externa”

- 7) Grandes navegações e colonialismo – “A manufatura, e em geral o movimento da produção, recebeu um enorme ascenso com o alargamento do intercâmbio que teve lugar com o descobrimento da América e do caminho marítimo para a Índia. Os novos produtos dali importados, nomeadamente as quantidades de ouro e prata que entraram em circulação, alteraram completamente a posição das classes umas em relação às outras e aplicaram duro golpe na propriedade fundiária feudal e nos trabalhadores, as expedições de aventureiros, a colonização e, sobretudo, a expansão agora possível, dia a dia, dos mercados até se transformarem em mercado mundial, deram origem a uma nova fase do desenvolvimento histórico” (p.83)



- 8) A dissolução dos laços feudais e o fortalecimento da burguesia como classe social – “A expansão do comércio e da manufatura acelerou a acumulação do capital móvel, enquanto nas corporações, que nenhum estímulo experimentaram para uma produção mais ampla, o capital permaneceu estável ou até diminuiu. O comércio e a manufatura criaram a grande burguesia, nas corporações concentrava-se a pequena burguesia, a qual agora já não dominava como antes nas cidades, e tinha de se dobrar ao domínio dos grandes comerciantes e proprietários de manufaturas. Daí o declínio das corporações assim que entraram em contato com a manufatura ... A nação mais poderosa no mar, os ingleses, conservaram a sua preponderância no comércio e na manufatura” (p.83/85)




- 9) Do comércio à Grande Indústria mecanizada – “O século 18 foi o do comércio”. Ocorre a estruturação da economia capitalista: “Esse período é também caracterizado pelo fim das proibições de exportação de ouro e prata, pelo aparecimento do comércio de dinheiro, dos bancos, das dívidas do Estado, do papel-moeda, da especulação com ações e obrigações, da agiotagem em todos os artigos e da formação das finanças em geral” (p.87)



10) “Desenvolvendo-se irresistivelmente no século 17, a concentração do comércio e da manufatura num país, a Inglaterra, criou gradualmente para esse país um relativo mercado mundial e, com ele, uma demanda por produtos manufaturados ingleses que já não podia ser satisfeita pelas forças produtivas até aí existentes na indústria. Essa demanda, que crescera mais do que as forças produtivas, foi a força motora que deu origem ao terceiro período da propriedade privada desde a Idade Média com a criação da grande indústria – a aplicação de forças elementares para fins industriais, a maquinaria e a mais extensa divisão do trabalho” (p.87)

11) O desenvolvimento da ciência, das invenções, da técnica e da organização do trabalho, aperfeiçoamento do meios de comunicação e transportes, mercado cada vez mais mundializado (p.87/88)




12) O choque entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas: O desenvolvimento da indústria, criou “uma massa de forças produtivas para as quais a propriedade privada se tornou um grilhão, do mesmo modo que a corporação para a manufatura e a pequena oficina rural para o artesanato em desenvolvimento. Sob a propriedade privada, essas forças produtivas recebem um desenvolvimento apenas unilateral, tornam-se forças destrutivas para a maioria, e uma grande quantidade dessas forças não podem sequer ser aplicadas na propriedade privada” (p.88)

13) “Essa contradição entre as forças produtivas e a forma de intercâmbio, que, como vimos, várias vezes ocorreu na história até os nossos dias sem, contudo, pôr em perigo o seu fundamento, teve todas as vezes de rebentar em uma revolução, assumindo então, ao mesmo tempo, várias formas secundárias, como totalidade de colisões, como colisões de diferentes classes, como contradição da consciência, luta de idéias etc., luta política”



PREMISSAS OBJETIVAS E SUBJETIVAS DO COMUNISMO

- O socialismo anterior a Marx e Engels se assentava em críticas morais da sociedade burguesa e das suas consequências sociais. Os socialistas utópicos formulavam belas propostas de sociedades futuras bem organizadas e apelavam para o sentimento de piedade dos grandes burgueses e dos governos
- E apesar de terem antecipados críticas à sociedade moderna, não conseguiam nem compreender o desenvolvimento histórico da humanidade e sua base econômico-social, o fundamento da sociedade capitalista, a origem do lucro do capital, nem compreendiam o papel político central do proletariado
- Para Marx e Engels era preciso forjar para o movimento socialista uma explicação científica da história e do ser social, da sociedade capitalista e das causas da exploração, além das consequências políticas daí decorrente: necessidade de organização da classe operário independente da burguesia

- 1) “o comunismo para nós não é um estado de coisas que deva ser estabelecido, um ideal pela qual a realidade terá de se regular. Chamamos comunismo ao movimento real que supera o atual estado de coisas. As condições desse movimento resultam do pressuposto atualmente existente”;
 - 2) O desenvolvimento das forças produtivas
 - 3) A organização política da classe operária e demais explorados
 - 4) O processo da Revolução Social, isto é, a constituição do Proletariado e dos explorados como classe dominante
- 

- “PORTANTO, DIZ MARX, SÓ COM A GRANDE INDÚSTRIA É TAMBÉM POSSÍVEL A ABOLIÇÃO DA PROPRIEDADE PRIVADA” DOS MEIOS DE PRODUÇÃO, DA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO, DAS CLASSES SOCIAIS, OU SEJA, A CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE SOCIALISTA E DO COMUNISMO. (p. 74)



- Marx diz: “Em todos os períodos até hoje, entretanto, a superação da economia separada, a qual não pode se separar da superação da propriedade privada, era simplesmente impossível, dada que ainda não existiam as condições materiais para ela. A instituição de uma economia doméstica comum pressupõe o desenvolvimento da maquinaria, da utilização das forças naturais e de muitas outras forças produtivas ... Sem essas condições, a economia comum não seria ela própria, por sua vez, uma nova força de produção, careceria de toda a base material, assentaria num fundamento meramente teórico, isto é, seria uma simples mania (desejo)” (p.92)



- Para superar a divisão de classes e desenvolver o comunismo “pressupõe um grande aumento da força produtiva, um grau elevado do seu desenvolvimento – e, por outro lado, esse desenvolvimento das forças produtivas (com o qual já está dada, simultaneamente, a existência empírica concreta dos homens no plano histórico-mundial, em vez de no plano local) é também uma premissa prática absolutamente necessária porque sem ele só a escassez se generaliza, e, portanto, com a carência também teria de recomeçar a luta pelo necessário e teria de se produzir de novo toda a velha merda” (p51)



- Mas o capitalismo, mesmo desenvolvendo ao máximo as forças produtivas em escala mundial, que se transformaram, como diz Marx e Engels, em “forças destrutivas para a maioria” não cai de podre, nem espontaneamente. Enquanto não for sepultado pela ação consciente e organizada das massas, continuará se reproduzindo por crises periódicas e aprofundando a crise estrutural histórica geral. Não há outra via senão a luta.



- Além das forças produtivas existentes torna-se necessário “uma massa revolucionária que faz a revolução não apenas contra estas ou aquelas condições da sociedade anterior, mas contra a própria “produção da vida” vigente até agora, contra a “atividade total” em que se baseava – e quando esses elementos materiais de uma revolução total não estão presentes, então é completamente indiferente para o desenvolvimento prático que a *idéia* dessa transformação profunda já tenha sido expressa centenas de vezes – como o prova a história do comunismo” (p.59)



- Essa massa revolucionária de que fala Marx e Engels nada mais é que os explorados, a maioria nacional oprimida, o conjunto dos assalariados (e, entre eles, o proletariado), o campesinato, a juventude pobre e a classe média arruinada pelo capitalismo. O papel dirigente cabe à classe operária, pela função que exerce na produção capitalista e pela experiência acumulada ao longo dos últimos dois séculos de organização e luta política contra o capital.

- “E, finalmente, ao passo que a burguesia de cada nação ainda conserva interesses nacionais particulares, a grande indústria criou uma classe que, em todas as nações, tem o mesmo interesse, e na qual a nacionalidade está já anulada, uma classe que realmente já está livre de todo o velho mundo e, ao mesmo tempo, a ele se contrapõe. Torna insuportável para o operário não só a relação com o capitalista mas o próprio trabalho. Como se compreende, a grande indústria não atinge em todas as localidades de um país o mesmo nível de desenvolvimento. Isso, contudo, não detém o movimento de classe do proletariado, visto que os proletários criados pela grande indústria tomam a vanguarda desse movimento e arrastam consigo toda a massa, e visto que os operários excluídos da grande indústria são atirados por essa grande indústria para uma condição de vida ainda pior do que a dos operários da própria grande indústria” (p.89)



- “Os proletários têm de superar a sua própria condição de existência anterior, que é simultaneamente a de toda a sociedade anterior, o trabalho...Por isso, encontram-se também em antagonismo direto com a forma em que até aqui os indivíduos da sociedade deram uma expressão coletiva, o Estado, e têm de derrubar o Estado para afirmarem a sua personalidade” (p.97)
- Poder esse “que, em última instância, só se quebrará por meio de uma revolução” (p.102). Isso porque “A essa propriedade moderna corresponde o Estado moderno, o qual, gradualmente, por meio dos impostos, foi adquirido pelos proprietários privados e, por meio das dívidas públicas, ficou completamente à mercê destes, e cuja existência, nas subidas e quedas dos papéis do Estado na Bolsa, ficou totalmente dependente do crédito comercial que os proprietários privados, os burgueses lhe concedem” (p.111)
- O Estado atual nada mais significa que “a forma de organização que os burgueses se dão, tanto externa quanto internamente, para garantia mútua da sua propriedade e dos seus interesses” (111/112)

- “O comunismo distingue-se de todos os movimentos anteriores por transformar radicalmente o fundamento de todas as relações de produção e de intercâmbio anteriores e por tratar conscientemente, pela primeira vez, todos os pressupostos naturais como criações dos homens anteriores, por despi-las da sua naturalidade e submetê-las ao poder dos indivíduos associados” (p.99)
- “Chegou-se agora, portanto, a um ponto tal que os indivíduos têm de apropriar-se da totalidade existente das forças produtivas, não só para alcançarem a sua autoatividade, mas principalmente para assegurarem a sua existência” (p.108)
- Essa apropriação das forças produtivas, sua colocação a serviço dos interesses coletivo e o para o desenvolvimento das capacidade e aptidões humanas só “pode ser, por sua vez, uma união universal, e por uma revolução, em que, por outro lado, é derrubado o poder do modo de produção e de intercâmbio e da organização social anteriores e, por outro lado, se desenvolvem o caráter universal



Do proletariado e a sua energia necessária para levar a cabo a apropriação, e em que, além disso, o proletariado deixa para trás tudo o que ainda lhe ficou da sua posição anterior na sociedade” (p.109)

“Com a apropriação das forças produtivas totais pelos indivíduos associados cessa a propriedade privada” (p.109)

- Assim, é possível a Marx e Engels formular uma síntese geral da **CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA, QUE CONTINUARÃO DESENVOLVENDO PELO RESTO DE SUAS VIDAS. EIS ESSA SÍNTESE:**



1) No desenvolvimento das forças produtivas atinge-se um estágio no qual se produzem forças de produção e meios de intercâmbio que, sob as relações vigentes, só causam desgraça, que já não são forças de produção, mas forças de destruição (maquinaria e dinheiro) — e, em conexão com isto, é produzida uma classe que tem de suportar todos os fardos da sociedade sem gozar das vantagens desta e que, excluída da sociedade [23], é forçada ao mais decidido antagonismo a todas as outras classes; uma classe que constitui a maioria de todos os membros da sociedade e da qual deriva a consciência sobre a necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista, a qual, evidentemente, também se pode formar no seio das outras classes por meio da observação da posição desta classe;



: 2) que as condições, no seio das quais podem ser aplicadas determinadas forças de produção, são as condições do domínio de uma determinada classe da sociedade, cujo poder social, decorrente da sua propriedade, tem a sua expressão *prática-idealista* na respectiva forma de Estado, e por isso toda a luta revolucionária se dirige contra uma classe que até então dominou;



3) que em todas as revoluções anteriores o modo da atividade permaneceu sempre intocado e foi só uma questão de uma outra distribuição desta actividade, de uma nova repartição do trabalho a outras pessoas, ao passo que a revolução comunista se dirige contra o *modo* da actividade até aos nossos dias, elimina o *trabalho*⁽⁵¹⁾ e suprime o domínio de todas as classes suprimindo as próprias classes, porque é realizada pela classe que na sociedade já não vale como uma classe, não é reconhecida como uma classe, é já a expressão da dissolução de todas as classes, nacionalidades, etc., no seio da sociedade atual;



4) que, tanto para a produção massiva desta consciência comunista como para a realização da própria causa, é necessária uma transformação massiva dos homens que só pode processar-se num movimento prático, numa *revolução*; que, portanto, a revolução não é só necessária porque a classe *dominante* de nenhum outro modo pode ser derrubada, mas também porque a classe *que a derruba* só numa revolução consegue sacudir dos ombros toda a velha porcaria e tornar-se capaz de uma nova fundação da sociedade (p.56)



TESES SOBRE FEUERBACH

1 - Crítica do Materialismo Contemplativox Mat. Prático Social

A principal insuficiência de todo o materialismo até aos nossos dias - o de Feuerbach incluído - é que as coisas [*der Gegenstand*], a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sobre a forma do *objecto* [*des Objekts*] ou da contemplação [*Anschauung*]; mas não como *atividade sensível humana, práxis*, não subjectivamente. Por isso aconteceu que o lado *activo* foi desenvolvido, em oposição ao materialismo, pelo idealismo - mas apenas abstractamente, pois que o idealismo naturalmente não conhece a actividade sensível, real, como tal. Feuerbach quer *objectos* [*Objekte*] sensíveis realmente distintos dos *objectos* do pensamento; mas não toma a própria actividade humana como actividade objectiva [*gegenständliche Tätigkeit*]. Ele considera, por isso, na *Essência do Cristianismo*, apenas a atitude teórica como a genuinamente humana, ao passo que a práxis é tomada e fixada apenas na sua forma de manifestação sórdida e judaica. Não compreende, por isso, o significado da actividade "revolucionária", de crítica prática.



2 Caráter prático-teórico da verdade

A questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objectiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o carácter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente *escolástica*.



3 . Relação dialética entre os homens e meio

A doutrina materialista de que os seres humanos são produtos das circunstâncias e da educação, [de que] seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, esquece que as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos e que o educador tem ele próprio de ser educado. Ela acaba, por isso, necessariamente, por separar a sociedade em duas partes, uma das quais fica elevada acima da sociedade (por exemplo, em Robert Owen). A coincidência do mudar das circunstâncias e da atividade humana só pode ser tomada e racionalmente entendida como *práxis revolucionante*.



4 . A necessidade da transformação social

Feuerbach parte do fato da auto-alienação religiosa, da duplicação do mundo no mundo religioso, representado, e num real. O seu trabalho consiste em resolver o mundo religioso na sua base mundana. Ele perde de vista que depois de completado este trabalho ainda fica por fazer o principal. É que o fato de esta base mundana se destacar de si própria e se fixar, um reino autônomo, nas nuvens, só se pode explicar precisamente pela autodivisão e pelo contradizer-se a si mesma desta base mundana. É esta mesma, portanto, que tem de ser primeiramente entendida na sua contradição e depois praticamente revolucionada por meio da eliminação da contradição. Portanto, depois de, por exemplo a família terrena estar descoberta como o segredo da sagrada família, é a primeira que tem, então, de ser ela mesma teoricamente criticada e praticamente revolucionada.



5. Os homens são seres práticos

Feuerbach, não contente com o *pensamento abstrato*, apela ao *conhecimento sensível* [*sinnliche Anschauung*]; mas, não toma o mundo sensível como atividade humana sensível *prática*.



6. O caráter da Essência Humana

Feuerbach resolve a essência religiosa na essência *humana*. Mas, a essência humana não é uma abstração inerente a cada indivíduo. Na sua realidade ela é o conjunto das relações sociais.

Feuerbach, que não entra na crítica desta essência real, é, por isso, obrigado: 1. a abstrair do processo histórico e fixar o sentimento [*Gemüt*] religioso por si e a pressupor um indivíduo abstratamente - *isoladamente* - humano; 2. nele, por isso, a essência humana só pode ser tomada como "espécie", como generalidade interior, muda, que liga apenas *naturalmente* os muitos indivíduos.



7. Caráter social dos indivíduos e das idéias

Feuerbach não vê, por isso, que o próprio "sentimento religioso" é um *produto social* e que o indivíduo abstrato que analisa pertence na realidade a uma determinada forma de sociedade.



8. Superar os mistérios da vida pela compreensão das relações sociais

A vida social é essencialmente *prática*.

Todos os mistérios que seduzem a teoria para o misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis.



9. A limitação teórico-prático do materialismo feuerbachiano

O máximo que o materialismo contemplativo [*der anschauende Materialismus*] consegue, isto é, o materialismo que não compreende o mundo sensível como atividade prática, é a visão [*Anschauung*] dos indivíduos isolados na "sociedade civil".



10. O novo horizonte da teoria e da prática socialista

O ponto de vista do antigo materialismo é a sociedade "*civil*"; o ponto de vista do novo [materialismo é] a sociedade *humana*, ou a humanidade socializada.



11. Necessidade de articular a teoria e prática, numa síntese dialética e revolucionária

Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*.

